

---

*PARTE I*

---

Olhares sobre a construção  
das identidades  
religiosas ocidentais

...na Antiguidade



# O conceito de justiça social no profeta Amós

## Uma leitura teológica cristã

---

*Aquilo que Amós  
nos apresenta no seu  
livro é uma sociedade  
profundamente  
marcada pela injustiça,  
pelo suborno,  
pelo medo,  
pela opressão e domínio  
dos mais fortes  
(poderosos e ricos)  
sobre os mais pobres,  
fracos e débeis.*

---

### *Introdução*

---

Com este trabalho pretendo aprofundar o conhecimento acerca de um dos profetas que menos destaque tem. Apesar de não serem muito explorados, os seus textos e mensagem têm uma relevância e atualidade estupenda.

Dado o contexto socioeconómico que estamos a atravessar, com a questão das dívidas soberanas e todos os problemas subjacentes a esse fator como são o aumento do número de pessoas que vivem abaixo do limiar de pobreza, as dificuldades no acesso à saúde e à educação, no fundo tudo se resume à enorme disparidade social que se observa, tudo gira em torno das colossais injustiças sociais de que somos alvo.

---

### *A novidade*

---

Ao chegar ao Séc. VIII a. C. a profecia Israelita contava já com muitos e grandes nomes como Samuel, Elias, Eliseu, entre muitos outros. Mas sensivelmente a meio desse século aparece Amós que inaugura um fenómeno totalmente novo e de grande transcendência: com ele aparecem os profetas que nos deixam a sua mensagem por escrito, seguiram-se exemplos como Oseias, Jeremias, Isaías, entre outros. O motivo destas profecias terem passado para escrito prende-se com a

---

**Fernando Catarino**  
*Mestrando pela Universidade  
Católica Portuguesa*

---



FERNANDO CATARINO

novidade inserida nelas, uma novidade que os israelitas consideravam de extremo valor para não ficar registada por escrito, permanecendo dessa forma para muito mais tempo e muitas mais gerações<sup>1</sup>.

---

## O autor

---

A respeito da pessoa de Amós não possuímos muitos dados: não sabemos quando nasceu nem quando morreu. Apenas conhecemos o lugar do seu nascimento: Técuá (Am 1,1)<sup>2</sup> – Reino de Judá. Uma pequena povoação a Sul de Belém (cerca de 10 Km), distando uns 17 Kms de Jerusalém. Isto faz de Amós um profeta do reino do Sul que prega no reino do Norte<sup>3</sup>.

Percebe-se por aquilo que Amós vai dizendo que ele tem profundos conhecimentos de história e de geografia, concluindo-se assim que não seria um simples pastor só e isolado<sup>4</sup>.

Quando se descreve como pastor, Amós utiliza o termo *Nôqued*, um termo que apenas aparece mais uma vez no 2.º livro de Reis, pelo seu uso (deste texto) presume-se que seja proprietário de um grande rebanho e plantador de sicómoros o que do ponto de vista financeiro lhe permite uma vida bastante desafogada. Continuamos, contudo, sem perceber a origem da sua vocação, a sua relação com Deus e com os seus contemporâneos.

Esta dúvida levantou a questão de perceber se Amós se considerava profeta ou se, pelo contrário, negava sê-lo de nascimento tendo assumido essa missão a partir do chamamento do Senhor<sup>5</sup>.

---

## Atividade profética

---

Naquilo que nos é permitido saber, a sua atividade profética está ligada ao reino do Norte (Samaria) e teve lugar no reinado de Jeroboão II, entre os anos 760 e 750, sendo difícil apresentar uma data precisa.

Amós é apresentado por Amasias como sendo um agitador político e religioso que põe em questão a paz social e as instituições religiosas do reino<sup>6</sup>.

O seu estilo é concreto, pitoresco, direto. As imagens são todas retiradas da vida do pastor. Uma avalanche de interrogações ou de enumerações (4, 6-12; 9, 1-4) prepara o rasgo incisivo. Certos modos de apostrofar, por exemplo às mulheres da Samaria, às que trata como «vacas de Basã», e apresentadas no ato de dizer aos seus maridos: «Trazei e bebamos», e logo esta arte tão sua de interpelar o auditório, de o

<sup>1</sup> Cf. SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.ª ed., 1987, p. 951.

<sup>2</sup> Cf. LOURENÇO, J. D., *História e profecia. O mundo dos profetas bíblicos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, p. 178.

<sup>3</sup> Cf. LACY, J. M. A., *Los libros Proféticos*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 6.ª ed., 1993, p. 52.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>5</sup> Cf. LACY, J. M. A., *Los libros Proféticos*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 6.ª ed., 1993, p. 53.

<sup>6</sup> Cf. LOURENÇO, J. D., *História e profecia. O mundo dos profetas bíblicos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, p. 179.

interrogar de uma forma que não pode ser simplesmente oratória (3, 3ss; 5,25; 9,7), tudo nos mostra o pregador popular que sabe chegar e falar ao povo<sup>7</sup>.

O sacerdote Amasías, scandalizado por Amós atacar o rei Jeroboão e anunciar o desterro do povo, por isso, denuncia-o, ordena-lhe que se cale e expulsa-o de Israel (7, 10-13). Muitos autores pensam que com isto terminou a atividade profética de Amós<sup>8</sup>.

---

### *Contexto social e político*

---

Amós, como já foi referido, pregou durante o reinado de Jeroboão II. Foi durante o seu reinado que a Samaria pôde beneficiar de uma grande expansão territorial. A própria arqueologia através de edifícios luxuosos (3, 15) revela isso mesmo, bem como o progresso da indústria têxtil e tinturaria, culminando no aumento de recursos agrícolas.

Todavia, como sempre acontece, a par destes desenvolvimentos sociais e económicos acentuaram-se também as injustiças sociais, os contrastes entre ricos e pobres, a corrupção do direito e as fraudes no comércio (5, 7s; 8, 4-6). Como consequência direta, além da decomposição social, temos uma acentuada corrupção religiosa: santuários pagãos em grande atividade, cultos idolátricos de fertilidade e prostituição sagrada. A religião, segundo Amós, encontra-se totalmente deformada; apenas servia para tranquilizar as consciências e o culto não tinha qualquer reflexo na vida quotidiana do povo<sup>9</sup>.

---

### *A mensagem*

---

Tal como nos diz A. Schökel, para compreendermos a mensagem do livro de Amós temos de começar pelas visões, ainda que estas se encontrem já perto do final do livro. Nelas aparece uma progressão crescente. Nas duas primeiras (7, 1-6) Deus manifesta a sua vontade de castigar ao povo com uma praga de gafanhotos e uma seca. Neste momento o Profeta intercede e Deus perdoo o povo. O importante para o profeta não é se é justo ou injusto, apenas o perdão a um povo tão pequeno lhe importa.

Nas terceira e quarta visões (7, 7-9; 8, 1-2), Deus «obriga-o» a fixar-se na situação do povo. A terceira em que Israel aparece como um muro e Deus em frente a ele com um prumo para verificar a retidão ou nível do mesmo. Na quarta o povo assemelha-se a um cesto de figos maduros. A vida da fruta termina quando amadurece. Assim, em ambas as visões, Amós, apesar de não estar referido explicitamente, considera que será inevitável que Israel tombe, sucumba, chegue ao fim da sua vida, precisamente pela vida que leva.

<sup>7</sup> Cf. CAZELLES, H., *Introducción Crítica al Antiguo Testamento*, Editorial Herder, Barcelona, 1989, p. 402.

<sup>8</sup> Cf. SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.<sup>a</sup> ed., 1987, pp. 952-954.

<sup>9</sup> Cf. LOURENÇO, J. D., *História e profecia. O mundo dos profetas bíblicos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, p. 180.

FERNANDO CATARINO

A quinta visão (9,1ss), desenvolve a mesma ideia mas com a ideia de um terramoto. O tema que está mais presente em Amós é, sem dúvida o castigo, podemos dizer que é o seu leitmotiv. Mas ele não se podia limitar a anunciar o castigo, teve de explicar às pessoas o que o motivou e para isso anuncia uma série de pecados: o luxo, a injustiça, o falso culto a Deus e a falsa segurança religiosa<sup>10</sup>.

### *Amós e a justiça social*<sup>11</sup>

Como nos diz João Lourenço, é impossível compreender a teologia de Amós sem atentarmos de forma mais específica e concreta à questão da justiça social, sem dúvida o grande tema e novidade de toda a profecia de Amós. Na continuação, o autor defende que o profeta assenta a sua mensagem social em três grandes pilares:

1. Conceito ético de Deus e do Ser humano como valor universal;
2. A experiência pessoal do profeta;
3. As tradições específicas de Israel principalmente as que estão ligadas ao Êxodo e ao período pré-sedentarização.

Amós converte a justiça em ponto central de toda a sua ideia de Deus. Ninguém antes de Amós tinha centrado de tal forma a ideia de Deus de na de justiça e de moralidade.

O tema do juízo de Deus contra as nações que se encontra nos 2 primeiros capítulos tem como motivação as faltas contra a justiça. O profeta tenta evidenciar a condição igualitária de todo o homem, pelo que a injustiça é um atentado contra esta condição de que Deus é o último garante. O que faz da injustiça um atentado contra o próprio Deus. O pecado passa a ser assim algo que tem sempre a ver com a condição social do homem. O pecado deixa de ser apenas uma rutura pessoal passando a assumir uma dimensão social.

Apesar de Amós não fazer uma referência direta à questão da eleição e da aliança, toda a questão da justiça social gira em torno desses temas, sendo por isso abordados de forma inovadora e mais concreta na vida do Povo. Tanto a injustiça como o luxo são atentados ao código da aliança e manifestações de orgulho e arrogância face à única e exclusiva soberania de Yahwé.

Importa realçar, ainda, que a denúncia de Amós tem carácter englobante, isto é, ela não privilegia nenhum grupo de oprimidos, nem se dirige a qualquer grupo específico de opressores. A sua crítica alcança tanto aqueles que oprimem socialmente, como religiosa ou economicamente os outros. A conversão não dá o perdão imediato de Deus, isso é algo que apenas a Ele diz respeito (tempo e momento), mas por outro lado a persistência no erro anula essa “graça” e arrasta o povo para o castigo.

A novidade em Amós prende-se com o facto de ele anunciar a iminência do cas-

<sup>10</sup> SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.<sup>a</sup> ed., 1987, pp. 954-956.

<sup>11</sup> Acerca deste tema: Cf. LOURENÇO, J. D., *História e profecia. O mundo dos profetas bíblicos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, pp. 197-200.

tigo divino sobre o povo, não dando aso a reestruturação ou mudança de costumes, condenando o povo à destruição.

---

*Análise de um texto*<sup>12</sup> *acerca*  
*da justiça social (Am 5,7.10-13)*

---

7 (Ai dos que) Convertem o direito em absinto  
e deitam por terra a justiça.

10«Eles detestam o que repreende no tribunal  
e odeiam o que fala com retidão.

11Portanto, já que oprimis o pobre  
e lhe exigis o seu quinhão de trigo,  
não habitareis nestes palácios de pedra que construístes;  
não bebereis o vinho das vinhas excelentes que plantastes.

12Pois Eu conheço o grande número das vossas maldades  
e a enormidade dos vossos pecados.

Sois opressores do justo, aceitais subornos  
e violais o direito dos pobres no tribunal.

13Por isso, o prudente cala-se neste tempo,  
porque este tempo é mau.

14Buscai o bem e não o mal, para que vivais,  
e o Senhor, Deus do universo, estará convosco,  
como vós dizeis.

15Detestai o mal, amai o bem,  
fazei reinar a justiça no tribunal.

Talvez, então, o Senhor, Deus do universo,  
tenha compaixão do resto de José.»

Apesar de nesta tradução que estou a utilizar o versículo 7 do 5.º Capítulo do livro de Amós não iniciar com um «Ai», os diversos comentários existentes referem que efetivamente aqui se inicia a sequência de três «Ai's» que definem esta parte do livro e em que se revela a consequência das ações injustas que vinham sendo praticadas pelo povo.

Curiosamente, estes «Ai's» estabelecem um ponto central do capítulo e recuperam em sentido contrário a ordem de temas utilizada até então, vejamos a título de curiosidade esses temas e a sua localização exata no contexto do capítulo (apesar de ainda começarem no final do capítulo 4.º e terminarem com os hinos nos capítulos 7 e 8):

4, 13: hino

5, 1-3: Alegria

5, 4-6: Procurar

5, 7.10-13: Ai

<sup>12</sup> *Bíblia Sagrada*, Difusora bíblica, 2001.

FERNANDO CATARINO

5, 14-15: Procurar

5, 16-17: Eleição

7-8: Hino<sup>13</sup>

Como reparámos fizemos um salto de dois versículos para a análise deste texto. Isso deve-se ao facto de realmente esses versículos parecerem e estarem efetivamente completamente desenquadrados do contexto. Crendo-se, por isso, que tenham sido acrescentados postumamente.

7. Este versículo introduz o tema que vai ser aprofundado de seguida, ou seja, a questão da justiça social e acima de tudo a condenação daqueles que calam perante a consecução de injustiças<sup>14</sup>. Aquele que é responsável pela acusação – chamaríamos atualmente o MP – o mokiah não se atreve a acusar os delitos que conhece<sup>15</sup>.

10. E o que anteriormente ficou implícito acerca do «fiscal» aparece patente agora no v. 10, pois ele cala porque as pessoas detestam os que assim procedem (apesar de estarem a cumprir a sua função). Para além disso os poderosos odeiam a justiça pois esta é a única que pode fazer prevalecer os direitos do pobre sobre os poderosos e por isso procuram pervertê-la.

11. Este versículo fala das consequências para os poderosos das suas explorações aos mais pobres e débeis, condena-se claramente a usura, pois estava proibido o empréstimo aos pobres com cobrança de juros. Em última instância o Senhor não os deixará gozar das riquezas e bens acumulados.

13. Este versículo também aparece algo descontextualizado do seguimento do texto, mas pode significar que perante este estado de calamidade o esperto se cale por temor e deixe de defender o inocente. (Ligamos este versículo ao 7 anteriormente apresentado).

14-15. Depois da denúncia e da acusação vem agora a súplica e o conselho: procurai o bem. Os israelitas orgulhavam-se de ser o povo eleito, por isso a advertência para se emendarem e corrigirem, pois só assim poderiam retomar a Aliança, só respeitando a justiça poderiam recuperar a «simpatia» de Deus. Em rigor, já estava quebrada a Aliança e aos seus contemporâneos apenas lhes restava a confissão, a emenda e o pedir a graça e o perdão de Deus. Mas até isso não aparece como garante da Salvação, pois Amós interpõe com um Talvez Deus..., não obrigando, assim, Deus a ser dependente das ações humanas<sup>16</sup>.

### *Atualização – aggiornamento*

Aquilo que Amós nos apresenta no seu livro é uma sociedade profundamente marcada pela injustiça, pelo suborno, pelo medo, pela opressão e domínio dos mais fortes (poderosos e ricos) sobre os mais pobres, fracos e débeis. Uma sociedade onde

<sup>13</sup> Cf. SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.ª ed., 1987, p. 975.

<sup>14</sup> Cf. SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.ª ed., 1987, pp. 977-978.

<sup>15</sup> Cf. LACY, J. M. A., *Los libros Proféticos*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 6.ª ed., 1993, p. 63.

<sup>16</sup> Cf. SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.ª ed., 1987, pp. 977-979. E notas da *Bíblia Sagrada*, Difusora bíblica. 2001.

os que têm obrigação de defender aqueles que não têm capacidade de o fazer de por si, ou seja, por si só.

Apesar de ser uma sociedade que prosperava a nível económico e que estava com Jeroboão II a crescer de forma exponencial, as injustiças, em vez de se atenuarem pelo contrário ainda se acentuavam mais. Os ricos, quanto mais dinheiro tinham mais queriam ter, não olhando a meios para atingir o lucro.

Que melhor forma para descrever a sociedade atual, para descrever o momento em que o mundo «desenvolvido» se encontra hoje. Com a questão das crises da dívida pública, no cenário macroeconómico, com o problema de juros elevados e de financiamento junto da banca com que se deparam as pequenas e médias empresas (aquelas que mais servem o comum dos cidadãos) e que em simultâneo se sentem «engolidas» pelas grandes multinacionais; quer ainda a nível do cidadão que se vê asfixiados com as elevadas taxas de juro praticadas pelos grandes grupos económicos que não olham a meios para obter os seus fins. O retrato perfeito de toda esta crise sistémica está descrito em Amós. As causas são as mesmas, ou seja, o rico querer ficar cada vez mais rico e o pobre a ver-se ficar cada vez mais pobre sem qualquer hipótese de retaliar tal a sua dependência do rico. A procura desenfreada do poder e domínio económico faz com que se desrespeitem as justiças sociais, num mundo que se diz «desenvolvido e moderno».

Toda esta situação é de tal forma pernicioso que a dado momento deixa de se poder identificar aqueles que ganham por estarem escondidos atrás dos sistemas que eles próprios criaram, ficando apenas bem detetáveis quem perde e quem fica sempre prejudicado.

Tal como no tempo de Amós a justiça, que em última instância deveria ser quem regulava e desembaranhava este novelo confuso protegendo o mais fraco e obrigando o mais forte a ter o que é seu de direito mas sem a exploração e o abuso sobre os que menos podem, simplesmente não funciona. Aqueles que têm a obrigação de acusar, de denunciar, de chamar a atenção estão reféns de imensas coisas (favores, jeitos, dinheiros, pressões políticas e sociais) acabando por se demitirem daquilo que é a sua função primordial de acusar para repor o caminho da justiça. Mas, em última instância, as instituições judiciais acabam por absolver, por ilibar e libertar aqueles que se aproveitaram do mais fraco, aqueles que lucraram à custa do mais pobre, aqueles que roubaram para construir «os palácios de Pedra e as vinhas excelentes».

Por tudo isto se torna tão importante para nós hoje reler Amós. Ele deixa-nos um desígnio, ele aponta-nos uma missão, ele dá-nos um mandamento de acusar as injustiças, de denunciar a opressão, de nos colocarmos do lado do mais fraco defendendo-o independentemente das consequências que isso possa ter para nós, não por termos a espartezza à frente da nossa consciência e da nossa fé. Tal como Amós, não devemos criticar a riqueza em si, pois ela só por si não é algo mau, devemos, isso sim, continuar a criticar e guerrear contra as injustiças sociais, contra a falta de ética, contra o desprezo pelos mais desfavorecidos, mais débeis e mais carenciados.

Jesus Cristo, retomará mais tarde estas ideias de Amós de deixa-nos também ele esse legado. É por isso, também, uma missão pungente do cristão, esta posição de inflexibilidade perante a situação atual. Um cristão não se pode, em boa verdade, demitir desta obrigação de acusação, de denúncia, de defesa, de preocupação viva, ativa e verdadeira por aqueles que por si só não conseguem ou não podem. Ser cristão é,





FERNANDO CATARINO

também, ser uma voz ativa na sociedade atual, não ter medo de denunciar e sobretudo de agir perante as injustiças, tentando inverter o rumo dos acontecimentos (Cf. Bento XVI Caritas in Veritate).

---

## Conclusão

---

Os assuntos tratados por Amós, a dinâmica imprimida, a crítica aguçada e frontal, fez-nos perceber a necessidade que atualmente existe de profetas da verdade que o façam por amor a Deus e aos irmãos e não por um interesse íntimo e pessoal.

Mas a grande lição que se pode tirar da leitura do profeta Amós prende-se com a consciencialização e assunção da necessidade que o cristão tem de ser este profeta que luta pelos interesses dos mais desfavorecidos, que proclama bem alto as injustiças que vê ao seu redor, que sente com quem se sente e que vive com quem as vive. Percebemos claramente que a atividade civil e de intervenção política de um cristão não pode ser apenas em ordem à resolução dos seus problemas pessoais ou daqueles que o rodeiam, mas que enquanto houver uma pessoa vítima desta injustiça social os cristãos não se podem calar nem virar as costas à luta.

---

## Bibliografia

---

*Bíblia Sagrada*, Difusora bíblica, 2001.

CAZELLES, H., *Introducción Crítica al Antiguo Testamento*, Editorial Herder, Barcelona, 1989.

LACY, J. M. A., *Los libros Proféticos*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 6.<sup>a</sup> ed., 1993.

LOURENÇO, J. D., *História e profecia. O mundo dos profetas bíblicos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007.

SCHÖKEL, A. Y DIAZ, J. L., *Profetas, Comentario II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2.<sup>a</sup> ed., 1987.

